

IGNACIO DEL VALLE

# A ARTE DE MATAR DRAGÕES

Tradução de Alcinda Marinho

**Premio  
Felipe Trigo  
de Novela**



PORTO EDITORA

## Prefácio

A linha recuada da fronteira francesa convertera-se, há um mês, num cenário de dramáticas separações, decisões irrevogáveis e últimos pensamentos. Os funcionários gauleses que policiam a passagem haviam-se transformado na silenciosa plateia daquela Espanha vermelha que, num gota a gota de homens, procurava escapar da purga nacional. Soldados e civis famintos e mal vestidos amontoavam-se em frente das guaritas da alfândega, fustigados pelos aviões que lhes seguiam o rasto. Uma multidão infestava o terreno. À frente, estendia-se uma travessia infinitamente longa para as poucas forças que possuíam; atrás deles, ficavam os limites de uma era que se fechava para sempre.

A notícia de que o Governo republicano cruzara a fronteira somente dez dias depois das tropas franquistas entrarem em Barcelona tinha acelerado o fluxo. Alguns quilómetros antes de La Junquera, a estrada apresentava um espectáculo desolador: carros e camiões abandonados, bidões de gasolina, cadáveres... Os corpos dos vivos seguiam o seu caminho como casas de ninguém: não tanto por terem um destino definido, mas mais por uma necessidade imperiosa de fuga. Aqui e ali, o cenário era pontuado por imagens que, em algumas pinceladas, resumiam toda a dimensão da derrota: um homem abraçado com firmeza a um morto, como se temesse que lho viessem roubar; uma mãe que teimava em amamentar a boca imóvel de um bebé; um sujeito barbudo arrastando atrás de si um cadeirão.

Um pouco afastados, no meio de um descampado, quatro homens contemplavam o laborioso trabalho da morte. Olhavam, observavam sem saber o que fazer. No centro do semicírculo, um quinto indivíduo jazia com a cabeça apoiada numa mochila. Do pescoço escorria-lhe um fio de sangue. Os silvos encharcados que se escapavam pelo buraco aberto na traqueia mais não faziam que aumentar o sentimento de impotência do grupo. Era uma morte estúpida. Apenas meia hora antes, partilhavam azeitonas, pão molhado em azeite e um odre de vinho. Quando passaram o vinho ao tipo que agora estava moribundo no chão agarrou no odre, soprou-o de um fôlego e, depois, deixou que um fio vermelho escorresse e lhe inundasse a boca. Ninguém, nem mesmo ele, adivinhava que seria o seu último trago. Aos poucos, foi enchendo de novo a boca com azeitonas, agasalhando-se do frio com uma manta cheia de piolhos, quando, de repente, se ergueu agitado e deitou as mãos à garganta. Vermelho, inchado, com as veias salientes, caiu por terra. Os companheiros atropelavam-se em volta dele, tentavam tirar-lhe a bola de comida que lhe tapava a garganta. Em vão. O seu rosto ganhava um tom cada vez mais azulado e um dos homens, aflito, sacou de uma navalha, mandou os outros segurá-lo e tentou fazer-lhe uma incisão por baixo do alto do pescoço. O aparato do estrago fê-lo deter-se a meio do gesto. Levantou-se em silêncio. “Não posso fazer mais nada”, disse. Os outros compreenderem e puseram-se também de pé. Se fossem homens capazes de chorar, teriam chorado; assim, o único tributo que prestaram ao companheiro agonizante foi acomodar-lhe uma mochila debaixo da cabeça.

O charco de sangue continuava a crescer como um ser vivo.

Delicadamente, com a delicadeza desajeitada de quem há muito não faz uso dela, um dos homens pousou a mão no braço do que sacara da navalha. “Devia-se dizer alguma coisa, uma oração”, observou.

O outro aniquilou-o com o olhar.

– Qual oração, qual quê, ele é anarquista – respondeu.

– Mas devia-se dizer alguma coisa – insistiu o primeiro.

– Então diz qualquer coisa alegre, caraças. As rezas são uma tristeza, a religião é uma tristeza, e este aqui foi alegre, foi um tipo que se apaixonou, que lutou...

O outro desfiou à mesma umas orações. O moribundo, com os olhos já a revirar-se, pareceu reagir e ganhar novas forças.

– Vês? – perguntou o que rezava. – Quando a puta da morte nos vem buscar ninguém é ateu – e continuou com as orações.

– Do leito da sua morte, o homem sorriu. Um sorriso sem dentes, de uma alegria infantil. Estendeu a mão e, quando o que rezava estendeu a sua para a agarrar, apertou com força o dedo médio do morto, já rígido, muito rígido. Depois, o homem já pôde ser o que era. Já foi nada.

## **PRIMEIRA PARTE**

## 1. A estratégia da aproximação indirecta

– Chamava-se Manuel Cortina Molins e morreu como viveu: com um grande par de tomates.

Arturo achou a frase do tenente Mario García muito romanesca. Observou-o enquanto este acabava de enrolar um cigarro e o acendia com um Dupont de ouro, reclinando-se depois para trás no assento e expelindo uma série de espirais de fumo. O rosto do tenente era sanguíneo, de pele curtida, as maneiras toscas, espelho falso de uma encenada bonomia que, muito possivelmente, o havia livrado mais que uma vez de um pelotão de fuzilamento. Não era que fosse um tipo duro, desses Arturo só conhecera uns poucos em toda a vida, mas o tenente tinha a capacidade de esconder o medo. Os dois últimos anos da guerra como membro da quinta coluna<sup>1</sup> do SIPM, o *Servicio de Información y Policía Militar*, demonstravam-no bem. Os serviços prestados tinham-lhe valido condecorações, a promoção e um posto burocrático e tranquilo na capitania. Enfiado no seu uniforme caqui novo a estrear, fumava com uma expressão obcecada, enquanto procurava expulsar de si o fantasma tenaz que seguramente o habitava. Arturo observou um calendário de ar gasto com publicidade da Norit. 14 de Outubro de 1939. O ano da vitória. Fazia pouco mais de uma semana que Hitler completara a invasão da

---

<sup>1</sup> N. da T.: o termo “quinta coluna” designava os militantes leais a Franco que secretamente, nos territórios controlados pelos republicanos e por vezes inseridos nas fileiras destes, trabalhavam para a sua queda.

Polónia, provocando a entrada da França e da Grã-Bretanha no conflito. Apesar do Caudillo ter proclamado a neutralidade do país, a generalização da contenda fazia planar sobre uma Espanha empobrecida a ameaça de uma nova guerra. Arturo suspirou e retomou o seu papel de inquisidor.

– Quer dizer, este tal Manuel Cortina foi um dos motoristas dos camiões.

– É isso.

– Segundo as minhas informações, havia 15 camiões.

– Acho que sim.

– Acha que sim?

O tenente afiou o olhar e parou de fumar por alguns segundos.

– Olhe, *tenente* – martelou a igual graduação do seu interrogador –, a minha presença neste gabinete é puro acaso. Quando conheci esse comuna tinha outras andanças.

– E que andanças eram essas?

– Isso é um assunto confidencial. Fale com os seus superiores. Além disso, esse Manuel também não me contou grande coisa.

– Pelo menos, deve ter-lhe contado o que fazia deste lado da fronteira. Não consigo perceber por que razão, quando metade do exército republicano fugia em debandada, ele permanecia na Catalunha.

Mário García olhou para ele como se fosse um táxi ocupado.

– Era um idealista. Um miliciano da CNT<sup>2</sup> que se meteu na confusão de Teruel e depois esteve na ofensiva do Ebro. O objectivo dele era conseguir chegar a Madrid para participar na defesa da cidade. Como se, por essa altura, já não lhes tivéssemos dado no pêlo que chegasse.

Arturo bateu com um lápis no candeeiro de alumínio da mesa. Relembrou o motivo daquela entrevista. Entre o dia 4 e o dia 9 do mês de Fevereiro desse ano, 15 camiões tinham efectuado numerosas viagens até à fronteira francesa, transportando os quadros do Museu do Prado com o fim de os pôr a salvo da guerra. A excursão havia sido a etapa final de um arriscado périplo que começara em Novembro de 1936, com a evacuação das obras de arte da capital espanhola, e terminara, graças a um acordo internacional, na cidade de Genebra. Aqui, depois de inventariados

---

<sup>2</sup> N. da T.: *Confederación Nacional del Trabajo*. Tratava-se de uma união de sindicatos autónomos de ideologia anarco-sindicalista; ainda hoje está activa em Espanha.

os tesouros, os suíços haviam informado os delegados de Franco em segredo sobre a desapareção de um valiosíssimo quadro do século XIV, mas, face às prioridades da guerra, não se puderam na altura tomar as medidas que a situação exigia. A odisseia conheceu o seu termo em Setembro de 1939, já com a guerra ganha por Franco. Depois de árduas negociações, foram finalmente fretados vários comboios especiais, que trouxeram os quadros de volta para o Museu do Prado.

Como sempre que havia porcaria para limpar, haviam recorrido aos serviços secretos, e era este o mistério que tocara a Arturo deslindar. Ao fim de duas semanas de investigações, e depois de conseguir uma relação dos agentes que se encontravam perto da fronteira nas datas em questão, o único recurso com que podia contar para resolver o enigma eram as declarações de um antigo espião na Catalunha que, por casualidade, privara com um dos motoristas do comboio de camiões. Arturo sabia que, por aquela altura, o quadro já deveria estar desaparecido de circulação, pendurado nas paredes de alguma colecção particular, mas, tão publicamente entusiasta como intimamente céptico, continuava com as indagações. Durante os instantes em que estivera ocupado com estas reflexões, o tenente Mario García acabara o seu pequeno cigarro e começara a enrolar outro, que iria de novo acender com o seu ostentoso e paradoxal isqueiro. Arturo aclarou a voz e as intenções.

– Ou seja, Manuel Cortina Molins disse-lhe que os camiões iam até Perpilhão.

– Sim. Dalí, partia um comboio especial para levar os caixotes até Genebra.

– Estou a ver – Arturo manuseou a fivela das correias. – E não notou nada de estranho? Quero dizer, se ele estava nervoso, aflito, ansioso...

O tenente demorou uns segundos a acender o cigarro.

– Se tivesse acabado de perder uma guerra, como estaria?

– Não sei, diga-me o tenente.

– Nem se segurava. Estava borrado de medo, totalmente desmoralizado.

– Então, por que voltava?

– Já não lhe disse? Era um idealista. Um herói da treta. Sabe o que é um herói, *tenente*?

Arturo ergueu uma sobrancelha e dilatou as narinas.

– Um herói – prosseguiu Mario García – é um indivíduo que quer fazer uma coisa apesar de todos lhe perguntarem para quê. Ou seja: uma melga do caraças. E sabe o que se faz às melgas?

– Não.

– Esborracham-se.

– Sim, mas o tenente parece respeitá-lo.

– Já vê, espero que o estejam a assar bem assado, mas, se tivéssemos tido mais homens como ele nas nossas fileiras a guerra nem dois meses tinha durado. Como poderá supor, se repetir o que acabo de lhe dizer, negarei tudo.

O tenente expeliu uma baforada de fumo e ergueu o queixo, como se aquela fosse a altura máxima da sua condescendência. Arturo desviou o olhar para uma panóplia de sabres que estavam pendurados na parede mais afastada de si e, a seguir, ensaiou um olhar fulminante.

– De forma que o recrutaram em Figueras para conduzir o camião. Mas não havia um grupo especial encarregue do comboio?

– Parece que sim. Mas um dos elementos sofreu um acidente à última da hora e foi preciso substituí-lo. O Manuel tinha prestado serviço como condutor militar, por isso imagino que o tenham julgado apto para a missão.

– Devia ter uma grande recomendação. Tinha a responsabilidade de transportar nada mais nada menos que uma parte do tesouro do Prado.

– As nossas tropas estavam-lhes a pisar os calcanhares. Não acho que tivessem tempo de abrir concurso para preencher a vaga.

– Mas não é, pelo menos, insólito que o tal Manuel contasse tantas coisas a um desconhecido?

Mario García sorriu e fez um gesto ambíguo, como que desvinculando-se da pergunta.

– As pessoas costumam confiar em mim. É o meu trabalho. Até creio que um padre me daria a comunhão sem me ter confessado – sorriu de novo. – Embora não haja nada como o medo para forjar alianças rápidas. Qualquer um que tenha estado na frente sabe isso. O senhor esteve na frente, *tenente*?

Arturo começou a fingir que sublinhava algo na folha, mas a força excessiva que pôs no gesto fez com que a ponta de grafite do lápis se partisse.

– Não – respondeu.

Arturo esteve a ponto de continuar, alegando que nem só na frente de batalha se ganhavam as guerras, mas um olhar veloz, guiado pelo instinto, revelou-lhe que era precisamente isto que o tenente esperava. Deixou as coisas como estavam.

– Estar na frente é fodido – disse Mario García.

– Compreendo.

– Não, não compreende.

Arturo fez um imperceptível aceno de assentimento, optando por ignorar a impertinência do outro, e consultou o relógio. Os braços de um toureiro pintado no mostrador cumpriam a função de ponteiros e indicavam que se aproximava o meio-dia. O tenente demonstrou uma visão invejável ao conseguir distinguir a figura estampada no relógio.

– Gosta de touradas, tenente? – perguntou-lhe.

Ultimamente, Arturo ouvira muito esta pergunta. Soltou a resposta que guardava para os tipos de uma estrela para baixo.

– Odeio.

Mario olhou-o com uma espécie de horror sagrado e benzeu-se, como que rezando pela alma daquele pecador.

– Quem eram os tipos que estavam consigo no dia da morte do nosso homem? – retomou Arturo.

– Ninguém. Eram como ele: simples almas em sofrimento.

– E você encarregou-se de despachar uma delas para o inferno.

– É aí que se engana. Eu tentei salvar o tipo.

– Abrindo-lhe a garganta?

– Foi falta de sorte. Digamos que não costumo cagar onde como – não sei se me entende?

– E interessava-o muito a mudança dos quadros?

– Não mais que outra coisa qualquer. De todas as maneiras, o itinerário dos camiões era um segredo muito mal guardado. Toda a gente sabe que os comunistas tinham feito um pacto com Burgos para que não bombardeássemos o comboio.

– Não lhes serviu de muito... – Arturo recordou as investidas sistêmicas que a aviação franquista realizara sobre a zona. – Havia mais agentes na área?

– Mesmo que soubesse, isso são informações confidenciais. Pergunte aos seus superiores.